

# Rumo que requer persistência

A imprensa divulgou ontem, com certo estardalhaço, as informações do IBGE de que o PIB brasileiro, no terceiro trimestre deste ano, alcançou o seu maior índice desde 1980 e apresentou crescimento positivo de 6,52% em comparação com igual período do ano passado.

Aparentemente isso significa que a economia está aquecida e caminhando num ritmo que justificaria as preocupações de vários analistas que têm aconselhado o governo a desaquecer a demanda — conselhos acompanhados de previsões de que isso terá de ser feito.

Mas num desafio também aparente a esses conselhos e previsões, o governo, por intermédio do Banco Central, sinalizou que manterá seu objetivo de ir estimulando gradualmente maior crescimento da atividade econômica. Nesse sentido, reduziu a taxa básica de juros de 1,78% para 1,74% para o mês de dezembro, sem se preocupar com o impacto disso no aumento da demanda de bens, inclusive importados, que em virtude das festas de final de ano já seria de qualquer modo mais exacerbada.

Trata-se de uma contradição mais uma vez aparente. Na verdade, tanto o índice que mede a evolução do PIB quanto o percentual de crescimento que ele apresentou em relação ao período comparativo de 1995 são até modestos, ao contrário do que sugeriam algumas grandes manchetes. A base da qual parte o índice é 100, ou seja, essa foi a medida do PIB no ano de 1980. De lá para cá transcorreram dezesseis anos. Considerando que a economia brasileira

deveria dobrar de tamanho a cada período de dez anos, para superar suas carências sociais e gerar o número de empregos desejados, o índice atual teria de ser muito superior ao 140,32 assinalado no último trimestre.

Quanto ao percentual de crescimento, é necessário observar que no terceiro trimestre do ano passado havia sido de apenas 1,17%, ou seja, extremamente baixo, em virtude da queda de atividade ao longo dos meses anteriores. De modo

**O ritmo que a economia revela não está exigindo medidas de contenção**

que uma alta de 6,52% sobre um patamar deprimido não precisa gerar nenhuma grande preocupação com o agigantamento da economia. Na verdade, se compararmos o tamanho do PIB de agora com o que se apresentava no início de 1995, o crescimento percentual foi de apenas 1,8%. O que aconteceu é que o PIB descreceu ainda mais até setembro do ano passado, por isso parece elevado agora. No quarto trimestre deste ano, a continuar o ritmo atual, o percentual de crescimento do PIB deverá ser bem maior, uma vez que no último trimestre de 1995 ele foi bem menor, apenas 0,21%.

Eis por que o Banco Central não se assusta nem deveria mesmo sinalizar qualquer virada de política para o rumo da contenção. Na verdade, em termos de reservas cambiais e de financiamentos dos déficits em transações correntes, há

fôlego para sustentar, por bastante tempo, uma estratégia de favorecimento do crescimento por meio da redução paulatina dos juros. Até porque, logo adiante, os recentes estímulos às exportações, a diminuição nos aumentos reais da massa salarial, aliados ainda à natural redução do consumo após festas natalinas, reduzirão os saldos negativos da balança comercial.

Ora, isso tudo sugere que, em vez de gerar turbulências na política cambial por meio de desvalorizações súbitas, ou na atividade econômica mediante medidas de contenção, o governo pode ir manejando com calma os instrumentos de crédito e fiscais para favorecer reduções de custos e melhor competitividade.

A boa notícia no leque que estamos comentando é que a reativação da economia, que sem dúvida está acontecendo, vem sendo acompanhada de novos declínios na inflação, conforme revelava a Fipe, ao divulgar o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da terceira quadrissemana de novembro, que ficou em apenas 0,58%.

Em resumo, em vez de um horizonte de maiores problemas ou dificuldades nos próximos meses, o que os fatos estão apontando é, na verdade, um rumo promissor em três variáveis relevantes, ou seja, reativação econômica consistente, política também consistente de redução dos juros e continuada queda das taxas de inflação. O desafio, portanto, não é alterar qualquer dessas variáveis, mas persistir com a devida prudência nessa linha gradualista. ■